

# **Retiro Quaresma - 2021**

Espiritualidade da Quaresma

A Quaresma deve ser interpretada a partir do mistério pascal, celebrado no tríduo sagrado e com os 'sacramentos' pascais que tornam presente esse mistério para que seja vivido e participado.

A Quaresma não é resíduo arqueológico de praticas ascéticas de outros tempos, mas é o tempo de experiência mais viva da participação no mistério pascal de Cristo: "participamos dos seus sofrimentos para participarmos também da sua glória" (Rm 8,17). Esta é a lei da Quaresma. Daí o seu caráter sacramental: tempo e m que Cristo purifica a igreja, sua esposa (cf. Ef 5,25-27).

O acento cai, pois, não tanto nas práticas ascéticas, mas na ação purificadora e santificadora do Senhor. As obras penitenciais são o sinal da participação no mistério de Cristo que, por nossa causa, se faz penitente recorrendo ao jejum no deserto. A igreja, ao começar o caminho quaresmal, está consciente de que o próprio Senhor é quem dá eficácia à penitência dos seus fiéis, motivo pelo qual a penitência adquire o valor de ação litúrgica, ou seja, ação de Cristo e da sua igreja.

A quaresma tem caráter essencialmente batismal, sobre o qual se baseia o caráter penitenciai. Na verdade, a igreja é comunidade pascal porque é batismal. Isso deve ser afirmado não só no sentido de que nela entramos mediante o batismo, mas, sobretudo no sentido de que a igreja é chamada a exprimir com vida de contínua conversão o sacramento que a gera. Daí também o caráter eclesial da Quaresma. Ela é o tempo da grande convocação de todo o povo de Deus, para que se deixe purificar e santificar pelo seu Salvador c Senhor.

Da teologia da quaresma, acima exposta, surge, pois, uma típica espiritualidade pascal, batismal, penitencial e eclesial. Dentro dessa perspectiva, a prática da penitência, que não deve ser somente interior e individual, mas também externa e comunitária, caracteriza-se pelos seguintes aspectos:

1. Abominação do pecado como ofensa a Deus
2. Conseqüências sociais do pecado
3. Parte da igreja na ação penitencial
4. Oração pelos pecadores.

Os meios sugeridos para a prática quaresmal são:

1. Escuta mais freqüente da Palavra de Deus
2. A oração mais intensa e prolongada
3. O jejum
4. As obras de caridade

O Retiro Quaresmal

O Retiro Quaresmal quer ser uma forma criativa de vivenciar este tempo privilegiado de conversão, proporcionando uma reflexão que possa cooperar com a oração, a penitência e as demais práticas quaresmais, buscando ajudar os fiéis a viver o batismo em dimensão individual e comunitária e a celebrar com mais autenticidade a Páscoa, pis a vida cristã é essencialmente guiada pela dinâmica pascal.

O Retiro é composto de cinco reflexões que têm como referência as leituras bíblicas que são utilizadas na Quaresma em algum ano. Estas reflexões são acompanhadas de proposta para “atitudes concretas” que devem ser realizadas como conseqüência da oração.

Desejamos que todos tenham uma santa Quaresma e que a Páscoa do Senhor seja fonte de alegria e vida nova para todos nós.

Quaresma de 2021

**Comunidade Javé Nissi**

**1ª semana: Cristo morreu por causa do pecado**

**TEXTOS: Gênesis 9,8-15**

#### 1Pedro 3,18-22

#### Marcos 1,12-15

**1. Sentido da Quaresma**

Procuremos recuperar o autêntico sentido da Quaresma, como itinerário de renovação batismal, proposto cada ano pela Igreja em sua liturgia. Quaresma é um tempo de conversão ao Evangelho de toda a Igreja. Quer dizer: Cristo voltar a ser "Boa nova" para os cristãos.

Recolocar Cristo no centro da vida; e, a partir de Cristo, iluminar o sentido de tudo e acrescentar a fé como resposta ao Deus vivo, que em Cristo nos convoca para uma missão salvífica.

A Quaresma envia-nos ao âmago da mensagem evangelizadora: "Convertei-vos e crede no Evangelho". (Quarta feira de cinzas)

**2. Conversão:**

* Do secularismo e relativismo da mente e do coração, que tira Jesus do centro da vida. Outras coisas passam a ser "boa nova": a auto-suficiência... o poder, o dinheiro, a razão. Os valores se transformam em ídolos... Conseqüências: corrupção.
* Da injustiça e indiferença com o próximo para o amor fraterno.
* Fruto da Quaresma: vida cristã renovada – testemunhas da "Boa nova" pela Fé e Caridade.

**3. Outras reflexões**

**a) A Quaresma de Noé.**

"Guia-me pelo caminho de tua fidelidade".

Com este desejo suplicante, o pequeno rebanho de Jesus entra em seu retiro anual da Quaresma: quarenta dias de prova, como os de Jesus, como os de Noé.

Tempo de purificação para a renovação da aliança batismal.

Da autenticidade dos balizados depende o futuro espiritual da humanidade atual, que necessita ser libertada do secularismo e da injustiça; está em jogo a mediação sacerdotal confiada ao povo de Deus, em união com Cristo sacerdote.

Da fidelidade de uns poucos, Noé e sua família, renasceu a humanidade.

Da fidelidade de um só, sumo e eterno sacerdote, nasceu o homem novo. Temos o direito de esperar um renascer da humanidade, para nós e para outros, ao passar pelo deserto quaresmal.

Temos o direito de esperar um crescimento em dignificação humana, para nossas famílias, para nossa sociedade sempre em crise, para a humanidade em geral.

A história do dilúvio universal, símbolo do juízo purificador de Deus, e a imediata aliança de Javé com Noé e os seus iluminam a primeira semana desta caminhada que nossa Comunidade Theotokos inicia, e em que a Igreja se submete ao juízo purificador do Senhor.

O objetivo desse juízo, isto é, a aniquilação do mal está eloqüentemente expresso pela ação destruidora das águas, durante quarenta dias.

Há uma purificação e há uma vida nova, resgatada das águas, com a qual se compromete, numa Aliança, o Senhor da vida.

Há na aliança uma "figura do batismo". As águas que purificam do mal são águas de salvação. Trata-se de uma salvação que "não consiste na eliminação de uma mancha corporal, mas de um compromisso com Deus de uma consciência pura".

Daí é preciso que o ato purificador seja seguido de um compromisso assumido por ambas as partes, um pacto de amizade, uma aliança de amor oferecida por Deus aos homens, nas pessoas de Noé e sua família. Assim, da família de Noé brotará a humanidade herdeira da aliança,

A aliança de Noé tem uma transcendência cósmica: toda a criação é objeto da fidelidade de Javé. E no sinal do arco-íris brilham, simbolicamente, o amor eterno, a fidelidade infalível do Senhor e a harmonia restabelecida na criação.

**b) A Quaresma de Jesus**

O Evangelho nos mostra Jesus, o novo Noé, o Homem-Deus, que vai percorrer o caminho mortal dos homens. Nós o vemos submetido ao teste do deserto, com um sentido purificador semelhante ao do dilúvio. Apenas tendo recebido o batismo do Jordão, Jesus põe à prova sua decisão de escolher o caminho do despojamento e da humilhação. A Quaresma de Jesus é modelo da nossa; para ele o principal é o caminho para a Páscoa, para a nova e eterna Aliança em seu sangue.

As tentações no deserto são como que uma antecipação ou o começo das tentações sofridas por Jesus ao longo de toda a sua vida pública, até o Jardim das Oliveiras. Por diversas vezes, até o fim, em suas longas horas de oração, aquele que encabeça a caminhada da nova humanidade submeteu ao juízo purificador do Pai cada passo, cada decisão, superando sempre a tentação de abandonar o caminho do serviço humilde, da fraqueza, do sofrimento, e reafirmando o projeto divino sobre sua vida.

Jesus, fiel até a cruz, não cometeu pecado. Rechaçou sempre o tentador e na Páscoa tornou-se cabeça da nova humanidade, família brotada do seu lado, purificada pelo novo dilúvio da água batismal.

Reafirmado em seu caminho, Jesus começou a anunciar a "Boa nova" da salvação. "Cumpriu-se o tempo, o Reino de Deus está próximo. Convertei-vos e crede no Evangelho".

Assim preparou o povo para uma resposta de fé, retificadora de caminhos; em virtude de seu sangue purificador, o pacto de amizade selar-se-ia em cada um por meio de um batismo. "É o compromisso com Deus de uma consciência pura pela ressurreição de Jesus Cristo".

Em sua fidelidade até a morte apóia-se nossa própria fidelidade; em seu triunfo, nosso triunfo. Sua graça é o poder de Deus, que vence em nossa fraqueza; é a presença do Reino abrindo passagem com o tempo, para introduzir-nos na eternidade; é o começo de nossa libertação integral em Cristo aprofundada numa conversão permanente.

**c) Nossa Quaresma**

"Deixai-vos reconciliar com Deus".

Para reconciliar-nos com ele. Deus quer fazer conosco um exame de consciência. Quer "criticar" nosso caminho torto e provocar uma "crise" salutar, ainda que possa tornar-se custosa para nós e com uma cota de dor. Quer que em nós se separe o bem do mal, como o ouro das escórias. Quer fazer uma purificação, uma revivência batismal.

Para isso. Deus quer tocar nosso lugar mais profundo, onde cada um é ele mesmo, ou foge de ser; e assim provocar a abertura da porta interior. "Chutar a porta", diríamos vulgarmente...

"Deixai-vos reconciliar..." é uma expressão que sugere um consentimento ativo com uma ação de outro, mais do que uma imposição meramente voluntária. Uma recém-batizada escrevia depois de seu batismo: "Ontem eu me dizia, depois deste passo tudo mudará. Nada mudou, a não ser este poder que sempre esteve em mim, mas com o qual é preciso consentir. Nada mudou, mas Deus pode mudar tudo em mim se eu consentir".

Este consentimento, fiel à fidelidade amorosa que nos julga, se expressa nas práticas quaresmais simbolizadas numa abrangente expressão: "jejum".

Jejum é privar-se de comida ou renunciar a determinadas "criaturas", agradáveis, atraentes, para afirmar a supremacia do amor ao Senhor sobre todas as coisas. É afirmar um domínio sobre tudo o que é criado, sem deixar-se dominar por nada. Cada pessoa deve encontrar, em sua quaresma pessoal, seu próprio jejum, conforme onde lhe aperte o sapato.

O jejum prolonga-se sob a forma de partilha os bens recebidos a partir de uma revisão muito pessoal e concreta.

O jejum abre o coração e o faz voltar também para Deus, a partir do apego às coisas questionado e superado. Assim se entra no caminho da oração. Cada um deve encontrar seu modo de enriquecer e aprofundar o jejum, conforme sua experiência, especialmente abrindo-se a "toda palavra que sai da boca de Deus" (Mt 4,4).

Repelindo: na base de tudo deve prevalecer a consciência de que Deus quer realizar sempre em nós um julgamento de conversão, para uma aliança de amor cada vez mais plena. Isto supõe uma história, um processo, como sempre acontece no amor.

Tudo é graça. E a graça do Senhor se expressa numa história de amor que começou, um dia, na pia batismal e se prolonga no tempo, até o fim.

##### 4. Atitudes concretas

* Durante a semana procurar realizar alguma tarefa voluntária em favor de alguém necessitado.
* Rezar a cada dia os textos da liturgia diária proposta pela Igreja.
* Procurar, durante a semana, não reclamar das exigências das tarefas pastorais e da Comunidade.
* Participar de mais uma missa além da preceitual.
* Preparar um exame de consciência para a confissão quaresmal (terceira semana).

**2ª semana: “É bom ficarmos aqui”**

**TEXTOS: Gênesis 22,1-2.9a.10-13.15-18**

#### Romanos 8,31b-34

#### Marcos 9,2-10

**1. Abraão acreditou**

Só um amor tão sério, como o que dá a vida, pode despertar uma doação de vida. Só o amor de um Pai capaz de não poupar seu próprio Filho, por amor aos homens, pode pedir a Abraão a entrega de seu filho. Embora o fato de que Cristo não tivesse acontecido nos tempos de Abraão, Deus é sempre fiel a si mesmo e, como tal, o patriarca podia perceber.

Deus aceitou Abraão como ele era: um adorador de deuses protetores, em grupos nômades, migrantes pelos desertos da Arábia, onde não faltaram sacrifícios humanos. E o escolheu para participar de desígnios muito mais amplos. Mas "pôs à prova ", como pretende fazer com você e comigo nesta Quaresma, a seriedade de sua fé (de Abraão), assumindo as limitações de seu caminho religioso, numa cultura em que eram viáveis os sacrifícios humanos.

Na passagem bíblica brilha o extremo da fé de nosso pai na fé, sua disponibilidade e sua confiança em Javé, seu caráter íntegro e capaz de totalidade numa resposta, que o prepara para uma aliança com Deus.

O mesmo Deus, que escolheu Abraão como pai de um novo povo, suscitou nesta descendência uma fidelidade muito maior do que a do patriarca: a de Jesus de Nazaré.

O mesmo Deus de Abraão é o que nos diz: "Este é o meu Filho amado...". E nos reúne, segundo as palavras inspiradas de São Paulo: "Não lhe poupei a vida e o entreguei à morte, para que vejas até que ponto te amo". Pode existir um amor mais sério do que este, uma maior prova de amor? "Povo meu, que mais eu podia fazer por ti?" (liturgia da Sexta-feira Santa).

Aquele que não podia sofrer sendo Deus quis que a salvação do homem lhe custasse a morte humana, para convencer-nos da seriedade do seu amor.

**2. A partir de nossos limites...**

Não podemos progredir num amor que seja de verdade, senão a partir de nossas limitações.

O mesmo Deus, que aceitou Paulo fariseu e Abraão politeísta, aceitou também as limitações daqueles aos quais havia escolhido como seus apóstolos. E. assim como eram, levou-os a sério; por fim aprenderiam a lição e levariam até o fim a seriedade de sua entrega.

Antes do fato que o texto evangélico nos apresenta hoje, Jesus havia querido fazer os seus discípulos entenderem (em vão) justamente o que pretendemos que hoje nos volte a assombrar: a conveniência de sua paixão e de sua morte na cruz (Mc 8,31).

Conhecendo essas limitações, que se expressariam repetidas vezes, inclusive na hora da prova máxima, levou-os a viver a experiência luminosa do Tabor. Era um modo de levá-los a sério, mesmo em suas limitações, e confiar em seu crescimento.

Quis fazer brilhar o triunfo do amor do Pai diante de seus olhos. Quis que a mesma voz do Pai fizesse nascer neles o princípio de uma resposta amorosa e fiel. Quis que mais tarde, nas horas difíceis, a esperança na ressurreição não morresse.

Descendência de Abraão, discípulos de Jesus Cristo, estamos na prova quaresma! para descobrir os limites de nosso amor, de nossa fidelidade à aliança batismal, sabendo que também a nós o Senhor ama, tais como somos.

O paganismo do antigo Abraão, ou o farisaísmo de Saulo, ou a pouca compreensão dos apóstolos podem iluminar nossa real situação, nossa atual limitação.

**3. Um exame**

Distantes da fé do Abraão posto à prova, distantes do amor de Paulo, distantes da lucidez apostólica depois de Pentecostes, podemos estar amarrados num pseudocristianismo que não tem nada além de formalidades e obrigações a serem cumpridas. Podemos estar presos a uma mera vivência de "necessidades religiosas", egocêntricas, que se costumam expressarem frases feitas como estas: "preciso crer...", "é necessário apegar-se a alguma coisa..." Isto é alguma coisa como o amor-necessidade, imaturo e adolescente amor de parceiros, distante, todavia do amor-entrega, desprendido e generoso, centrado no outro.

Podemos também estar vivendo uma "religião" formal, superficial, interesseira, calculista... semicrente. Mas, além dos limites humanos inerentes a toda fé, com sua cota de incredulidade, é grande a multidão dos que crêem, mas que se encontram no meio do caminho, sem definir-se de todo, sem uma consciência de pertença "ao corpo da Igreja".

Herdeiros de uma fé nunca personalizada, porque nunca se encontraram com o amor de Deus, muitos cristãos vivem de "práticas" religiosas rotineiras, que fazem parte de um honesto status social. "Ficaria mal" ser diferente e "pega bem" continuar acomodados assim. Mas, em situações de prova, a verdade aparece.

Podemos também viver outros limites: os dos meros sentimentalismos. Tivemos alguma vez experiências religiosas gratificantes e chegamos a dizer, como Pedro, Tiago e João, antes da Páscoa e da Ressurreição: "Mestre, é bom ficarmos aqui. Vamos fazer três tendas". Ficarmos acomodados na contemplação das “experiências religiosas” sem traduzi-las num empenho comprometido com a missão e a vida cristã de fato.

A partir de nossa pobre situação, sempre com algum limite, temos de crescer em amor e fé, na linha de Abraão e Paulo e como os apóstolos de Jesus.

Por amor, o Pai presenteou os discípulos prediletos de seu Filho com uma transfiguração e nela deu um testemunho que seria para eles amplamente transfigurante. "Escutai o que ele diz". Por amor, o Filho presenteou seus discípulos muitos queridos com uma transfiguração que encerrava a promessa de um ser novo, transformado pela Páscoa.

Por amor, o Pai e o Filho convidam-nos a confiar numa Páscoa transformadora.

**4. Atitudes concretas**

Na Quaresma temos de buscar uma purificação de nossa fé para um amadurecimento diante do Senhor, que nos oferece um horizonte novo. Descobrir o que nos faz mais cidadãos da Terra do que cidadãos do céu.

Esta semana, fazer sério exame de consciência e perceber a “qualidade de nosso cristianismo” e a “maturidade de nosso amor”.

**3ª semana: “O zelo por tua casa me consumirá”**

**TEXTOS: Êxodo 20,1-17**

#### 1Coríntios 1,22-25

#### João 2,13-25

**1. A difícil religião**

Desde que o homem, transformado em pecado, começou a percorrer os duros caminhos da existência sobre a terra, necessitou purificar sua relação com Deus e o ambiente onde se desenvolve essa relação.

Essa permanente necessidade de autenticação religiosa transparece em todas as páginas da Bíblia e em toda a história da Igreja que muitas vezes, se submete à prova que lhe apresentam as encruzilhadas históricas. Por algum motivo, cada cristão e toda a Igreja entramos numa Quaresma anual.

A moral, como resposta da conduta humana ao plano de Deus, expressada em sua lei, e o culto, como expressão muito específica dessa relação, aparecem em nossa vida muitas vezes atingidos por desvios e deformações. A história da aventura humana é testemunha desta realidade.

Os profetas, por diversas vezes, questionam esta situação e sacodem o povo de Javé para uma conversão que o mobiliza em seu caminho histórico.

Hoje também a Palavra, pronunciada profeticamente na liturgia da Igreja, questiona-nos e sacode, para sairmos de nossos desvios e voltarmos ao caminho da aliança batismal, começo de nos­sa salvação em Cristo; a Quaresma, como itinerário de renovação batismal, prepara-nos para reavivar na Páscoa o pacto de amor.

É preciso aceitar esta exigência, sob pena de ficar amarrados na mediocridade ou entrar na paralisia e na decadência, pela qual perdemos a condição de peregrinos, sempre em marcha rumo à terra prometida.

O primeiro povo peregrino, após três meses de sua libertação do Egito, parou ao pé do santo monte Sinai, para receber a voz de Deus e, por ela, orientar sua peregrinação (Ex 19,3-6).

Nos mandamentos, centro da Lei de Moisés, aquele povo da primeira Aliança recebeu do Senhor as pautas de sua resposta de fidelidade ao Deus fiel, as quais se expressam num culto e numa vida ajustada à vontade de Deus.

O culto (liturgia do Templo) e a moral (a Lei), dois temas-chave do religioso, sempre inclinado à idolatria e ao formalismo... Dois temas-chave para uma Quares­ma purificadora, que mobilize a peregrinação para a Páscoa próxima, a caminho da definitiva... Dois temas intimamente relacionados com a vivência batismal, centro da nova Aliança em Cristo ressuscitado.

**2. Um culto autêntico**

O culto, que tem sua fonte autêntica no coração do homem de fé, se expressa em formas e ritos concretos, com os quais essa fé se manifesta e se realimenta na vida sacramental e na Palavra de Deus.

Essas formas e esses ritos, sujeitos a diretrizes e normas oficialmente estabelecidas, valem enquanto sinais externos de uma realidade interior, que se expressa também numa coerência de vida. "A vida, com todas as suas possibilidades e responsabilidades, com suas alegrias e tristezas, com suas esperanças e dores, vem a ser um templo em que se adora a Deus e se cumpre sua vontade" (João Paulo II).

O culto ritual, sem o culto espiritual da vida, fica vazio de sentido, transforma-se numa arma­dura sem vida ou numa ilusão momentânea. Por sua vez, o culto espiritual, sem a expressão litúrgica externa, corre o risco de ir diluindo-se, por não encontrar canais expressivos, através dos quais se concretizem significativamente a referência pessoal e comunitária a Deus e o intercâmbio próprio de uma aliança de amor. Um e outro se completam e se realimentam mutuamente.

No Antigo Testamento, a lenda da Aliança e, mais tarde, o Templo de Jerusalém foram o lugar litúrgico em que o povo expressou sua condição de povo sacerdotal e consagrado a Deus (Ex 19.3-6).

Jesus deu testemunho de seu respeito ao Templo ao purificá-lo numa atitude decidida, profética, com uma ação enérgica e até violenta. E, ao mesmo tempo, anunciou que ao antigo Templo sucederia um novo, seu corpo ressuscitado. Na Páscoa do Senhor aconteceria uma mudança es­sencial: o Templo deixaria de ser o lugar central do encontro com Deus; o corpo ressuscitado de Cristo e sua presença na comunidade eclesial o substituiriam daí em diante. "Sacerdócio régio, nação santa" (cf. 2Pd 9), nova Jerusalém, prenúncio da Jerusalém celeste, lugar da comunhão definitiva com Deus.

Como Jesus, os apóstolos oravam no Templo, mas o centro de seu culto se colocou mais à frente, na "fração do pão", a liturgia eucarística compartilhada nas casas (At 2,46) por causa do rompimento com o regime judeu da sinagoga. Quando os cristãos empreenderam construir templos próprios, a eucaristia começou a ser celebrada neles. E a tentação de reduzir o culto a um formalismo intimista sempre esteve presente na Igreja.

Agora na Quaresma, a Palavra evangélica convida-nos a descobrir a ira de Jesus no hoje de nossas vidas e de nossas comunidades e deseja nossa purificação de tudo aquilo que representa formalismo sem coração, acomodação sem missão, comércio no lugar da fé!

Hoje somos convidados a interpretar o sentido atual das chicotadas purificadoras, não como espectadores de uma repreensão dirigida a outros, mas consentindo que o Senhor expulse de nossos templos interiores, de nossas comunidades, todo tipo de comércio, toda tentativa de comprar impunidade para nossas in­justiças com outros templos humanos, por meio de "práticas" religiosas, toda ida ao templo para buscar refúgio ou segurança, sem conversão nem missão.

**3. A Lei: carga ou sabedoria?**

A redução rotineira à prática exterior, sem interioridade, o não distinguir o essencial do acidental, a mera obediência a normas litúrgicas, ao mesmo tempo em que se abusa do próximo, o cumprimento de mandamentos e preceitos, com cons­ciência puramente moralista e repressiva como uma carga, sem amor, sem alegria, caracterizam uma religião que não é boa notícia para ninguém.

A Quaresma convida-nos a dar um passo a mais de maturidade na vivência da Lei do Senhor, como uma sabedoria de vida sempre passível de aprofundamento, para a qual não se pode perder o contexto da plena vida, em que foram dados os mandamentos, e o contexto de busca interior com que Jesus os assumiu e aperfeiçoou (Mt 5,17-43). O próprio povo da antiga Aliança considerou as tábuas da Lei como a sabedoria de Israel: "Assim serão sábios e prudentes aos olhos dos povos que, ao ouvir estas leis, dirão: esta grande nação é o único povo sábio e prudente" (Dt 4,6). Povo sábio, sabedoria irradiante para o mundo!

Os sábios são aqueles que, buscando uma resposta fiel ao Senhor, na obediência aos mandamentos e no culto, encontram sua força na paradoxal "fraqueza de Deus". Assim, seguindo os passos daquele que escolheu o caminho do despojamento e da humilhação, encontram "força e sabedoria" os que não se deixam prender por nenhuma criatura no caminho para o Criador (primeiro mandamento); os que prezam o santo temor do Senhor (segundo mandamento); os que se alegram dando um espaço semanal à tarefa de levantar os olhos ao céu e sentir-se ressuscitados (terceiro mandamento); os que sabem colocar seus amores no Amor (quarto, sexto e nono mandamentos); os que se sentem mais vivos promovendo vida (quinto mandamento); os que compartilham com alegria os bens recebidos (sétimo mandamento); os que se comunicam sem falsidades (oitavo mandamento), É o tempo oportuno para tomar pela mão a sabedoria do Espírito, que se assenta no coração e se espalha como boa notícia.

**3. Atitudes concretas**

Esta semana, após o exame de consciência, façamos nossa confissão quaresmal, com o firme propósito de buscar a vontade de Deus para nossa vida.

Ainda como gesto concreto, busquemos a reconciliação com alguém que temos dificuldades de relacionamentos e muitas vezes se encontra em nossa própria família.

**4ª semana: Todo aquele que crer terá a vida eterna**

**TEXTOS: Crônicas 36, 14-16.19-23**

#### Efésios 2,4-10

#### João 3,14-21

**1. Estamos a meio caminho**

Estamos a meio caminho da Páscoa. Sempre estamos a meio caminho, na quaresma da vida.

Em qualquer viagem ou peregrinação, em qualquer tarefa ou situação humana, a metade do caminho exige uma vigorosa conscientização a respeito da meta que se deseja alcançar e uma motivação não menos clara e firme, que impulsione o caminhar mesmo em momentos difíceis.

A Quaresma é como um sinal, um "sacramento" muito significativo do que é a vida, como peregrinação e missão até a Páscoa definitiva. Como os israelitas no deserto, alguém pode cansar-se e começar a sentir saudade "dos alhos e das cebolas do Egito". Deixar-se ficar na mediocridade ou voltar a uma escravidão mais ou menos tolerável é mais fácil do que subir à. Jerusalém.

É por isso que as leituras destacam a alegria e a esperança."Alegra-te, Jerusalém...". Jerusalém é o lugar da Páscoa.

Para que nasçam a alegria e a esperança e se mantenham, mesmo num caminho cheio de perigos, é preciso caminhar com luz boa. "Quem age conforme a verdade aproxima-se da luz... Quem pratica o mal odeia a luz".

**2. As leituras nos fazem ver**

Para nos firmarmos no agir conforme a verdade, hoje as leituras nos projetam uma luz em duas direções.

**a) Primeiro a Palavra nos faz ver a cruz de Cristo**

"Do mesmo modo como Moisés levantou a serpente no deserto, assim é necessário que o Filho do Homem seja levantado, para que todos os que nele crerem tenham a vida eterna".

Seria bom que, num esforço de imaginação, tentemos ver os israelitas mordidos por serpentes venenosas, olhando para a serpente de bronze que Moisés levantava diante deles (Nm 21,4-9; Sb 16,5-7). Ficaríamos assombrados com a expressão de esperança em seus olhos, o ardente desejo de cura, os gestos vivos de humildade e de adoração. Afinal, aquilo não era mais que uma figura profética de Cristo crucificado, "levantado ao alto, para que todos os que nele crerem tenham a vida eterna".

Precisamos reviver, na fé e na esperança, a capacidade de assombro para ver na cruz a força salvadora que curava todos os "mordidos" do deserto. Nossas próprias mordeduras perderiam seu veneno.

Há um cruzar de olhares que é preciso buscar. Olhar a cruz como os israelitas olhavam a serpente de bronze no deserto significa encontrar-se com o olhar de Jesus. E encontrar-se com o olhar de Jesus é encontrar-se com o foco maior da bondade de Deus: "rico em misericórdia". "Deus amou tanto o mundo, que deu o seu Filho Unigênito, para que não morra todo o que nele crer, mas tenha a vida eterna".

Deus não guardou nada para si. Mergulhou-se totalmente para impedir que morrêssemos afogados na insensatez da morte e do pecado e mostrar-nos o mais profundo de nossa própria dignidade.

Seria bom buscar nestes dias este cruzar de olhares. Talvez o Espírito ilumine nosso coração e uma nova descoberta do Deus que nos ama – até o ponto de fazer-se homem e morrer pelo homem – impulsione-nos a seguir caminhando até a Jerusalém da Páscoa definitiva.

**b) Segundo a Palavra faz o julgamento das trevas**

O segundo raio de luz que hoje nos projeta a Palavra focaliza nossa realidade pessoal para um julgamento em que as trevas "sejam descobertas". É o fruto do cruzar de olhares.

A Quaresma é a hora do julgamento de Deus para toda a Igreja, para cada cristão.

Não se trata de um julgamento de condenação, mas de um julgamento dentro da história, em nossa "metade do caminho", para evitar o fracasso no final. "Deus não enviou o seu Filho ao mundo para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por ele". É o julgamento da luz. O amor de Cristo crucificado, luz do mundo, ilumina nosso coração para um discernimento interior, para revelar as trevas ocultas, desmascarar mentiras existenciais e confrontar nosso modo de ser cristão com o Modelo que é Cristo Jesus.

É a hora da verdade, a hora de olhar-nos na Verdade, para "agir conforme a verdade". Este olhar-nos na Verdade é já um colocar-nos firmemente no caminho de agir conforme a verdade.

E uma tarefa que deve ser realizada na alegria e na esperança. Não podemos separar a Quaresma da Páscoa, de modo que nos apresentemos tristes nos jejuns e abstinências quaresmais, ou na Via-sacra e outros atos penitenciais, e logo pulemos de alegria no Domingo da Ressurreição. Isso, além de contradizer explícitas mensagens evangélicas e conselhos de Jesus, pode ter um aspecto de fingimento ou teatralidade nada autênticos.

Longe de nos tornar severos e amargos, a Quaresma leva-nos a acompanhar decididamente a Jesus, na subida a Jerusalém. Como ele, somos guiados pelo Espírito a assumir com amor nossa realidade pessoal e comunitária, e a realidade do mundo, com a disposição de a purificar e elevar.

**3. Agir na verdade**

Já enfatizamos: olhar a cruz e olhar-nos na Verdade, para "agir conforme a verdade". Agora somos convidados a subir nosso olhar na direção de Jerusalém.

Deus suscitou Ciro, imagem do Messias, para reconstruir o Templo de Jerusalém, antes destruído por causa da infidelidade do povo.

Consciente de sua vocação, assim falou o rei da Pérsia: "O Senhor... encarregou-me de lhe construir um templo em Jerusalém, que está no país de Judá. Quem dentre vós todos pertence ao seu povo? Que o Senhor, seu Deus, esteja com ele, e que se ponha a caminho".

Impressionante convite! Hoje o Espírito nos faz o mesmo convite: se alguém pertence de fato ao povo de Deus que o Senhor esteja com ele, e que suba! Subir a Jerusalém. É o caminho para a Páscoa, o qual passa pela cruz.

Filhos da luz, à medida que nos firmamos no caminho da verdade, nós cristãos, somos julgamento para o mundo. A fé renovada e vivida num amor cada vez mais puro e sacrificado, é luz e tem força questionadora para aqueles que vivem na obscuridade de uma vida sem sentido ou na penumbra de uma vida medíocre.

A fé, que se expressa na caridade, torna visível o amor de Deus ao homem do mundo. E o faz, assumindo as exigências de um batismo, no compromisso de um cristão que se doa pela salvação do homem, com o qual Jesus se identifica, como templo caído, que aguarda sua reconstrução.

**4. Gesto concreto**

Durante a semana, procurar realizar um trabalho voluntário, em qualquer instituição de promoção humana, pelo menos em um período, por amor a Jesus Cristo que morreu por amor a nós.

**5ª semana: “Quando for elevado, atrairei todos a mim”.**

**TEXTOS: Jeremias 31, 31-34**

#### Hebreus 5,7-9

#### João 12,20-33

**1. Uma Aliança de Amor**

Deus tece, com a humanidade, uma história de amor desde que resolveu incorporá-la à sua própria eternidade. O seu amor, segundo nosso modo de falar, foi sempre um amor adulto. O nosso, um amor em crescimento. Sempre, mesmo no atual regime da graça.

As sucessivas alianças, que evocamos nos primeiros domingos da Quaresma, enfatizam as históricas alternativas de uma comunhão de amor entre o sempre fiel e os quase sempre infiéis. Melhor dizendo, a progressão de uma comunhão cada vez mais plena, na qual a humanidade vai sendo introduzida gradativamente.

Quanto mais imaturos e infantis são os povos ou grupos humanos e. basicamente, as pessoas, mais necessitam de indicadores concretos, que regulem seu comportamento e assegurem uma relação de mútuo respeito. Na infância da história salvífica a Lei cumpre esta função.

Assim, no Antigo Testamento, as prescrições legais religiosas aparecem como estímulos exteriores do comportamento humano. E a multiplicação de preceitos reflete uma minuciosa preocupação normativa, que se acentua até alcançar níveis de um apaixonado culto à Lei, depois do exílio da Babilônia, diante da exigência de assegurar, a todo o custo, uma fidelidade cuja decadência se havia tornado trágica ao povo.

Isto não significa que, no Antigo Testamento e no regime da Lei, tenham ficado ausentes as preocupações relativas a uma interiorização da vida moral. Ainda na infância é importante fomentar as motivações do coração.

Sobretudo nos momentos de crise, quando se buscam reformas após períodos de desgaste ou decadência, ou se pretende aprofundar a resposta a Deus, o povo de Deus se torna consciente da necessidade de uma lei interior. Todavia, nos tempos da antiga Aliança, essa interiorização é concebida como o fruto de um esforço do homem, mais ou menos como uma progressiva assimilação da Lei exterior.

Nesta busca, a inspiração profética intui um futuro qualitativamente novo. Com as reflexões de Jeremias, a luz do Espírito irrompe abrindo perspectivas definitivas à esperança, quando chegara hora de uma nova Aliança e uma lei interior for gravada nos corações, como dom de Deus.

**2. O tempo do amor**

Assim como o Antigo Testamento teve seu cume máximo, o Sinai, que deu sentido a toda uma história de amor. O Novo Testamento tem o seu, o Calvário, o mais alto cume, insuperável, do amor de Deus. A Lei do Senhor, que foi gravada primeiro em tábuas de pedra, em Cristo e com Cristo chega a gravar-se nos corações: "E eu, quando for elevado da terra, atrairei todos a mim".

Toda a história conflui para o Calvário e. do Calvário, toda a história dos homens, em seus empreendimentos através dos séculos, converte-se em história de salvação. "Este é o mistério de nossa fé", repetimos admiravelmente em cada missa, memorial da Páscoa do Senhor.

Porque, em cada missa, o centro da história se faz presente. Porque, em cada missa, a morte e a ressurreição de Cristo atraem sobre ele a criação e a história (Ef 1.9-10). Porque, em cada missa, tudo se recria em Cristo, tudo se reconcilia com ele (Cl 1,15-20).

Cristo é e sempre será "o mistério de nossa fé " porque nenhuma mente humana pode prever nem poderá compreender — só admirar e crer — este extremo do amor de Deus, fiel ao seu amor ao homem e ao mundo, cuja revelação nos dispomos a celebrar.

O que esteve oculto em Deus durante todos os séculos (Cl 1,26: Ef 3,9) foi dado a conhecer no cume máximo da história, com projeção universal (cfr. Evangelho: eram gregos os que queriam ver Jesus). Não foi uma proclamação feita com possantes alto-falantes, nem com fundo de coros angélicos: foi ato de amor-comunhão com toda a humanidade; foi a doação de Deus, ou melhor, a consumação de uma doação que havia começado na encarnação; foi "a hora" sempre anunciada e esperada pelo Senhor.

Como o grão de trigo, a humanidade de Cristo se tornou fecunda: enterrou-se em nossa mortalidade e gerou para a imortalidade um homem novo. Na hora da prova extrema, assumiu livremente o abandono mortal do homem pecador, com um ato supremo de obediência.

Este foi o seu triunfo e sua glorificação: muito distinta, por certo, das glórias deste mundo e das a que se refere a linguagem comum. A glória de Deus, na Escritura, evoca a idéia de "peso": é o valor real, a importância, o respeito que Deus impõe, seu triunfo.

Em "sua hora", ao entregar-se à morte, o Filho do Homem adquire o "peso" máximo por sua comunhão com Deus. E esta glória repercute nos homens. É o mistério da graça (Ef 2,1-10; Cl l ,6.2 1-22,27 ) da comunhão com Deus em Cristo Jesus.

Assim, a comunhão amorosa do homem com Deus, buscada pelo Senhor desde o princípio da história, alcança o plano mais profundo possível, porque compromete o centro da pessoa: seu coração. Assim Jeremias profeticamente o havia anunciado.

**3. Um coração que seja puro**

É a aspiração quaresmal e sintetiza os frutos da Páscoa.Em cada coração cristão, em cada comunidade eclesial, começando pela família (Ef 5,32)

Deus tem um plano de amor. E cada Páscoa é a ocasião histórica para crescer no mistério de uma comunhão de amor realizada misticamente nas águas do batismo, começo de nossa vida em Cristo. A Quaresma tem exatamente o valor de caminhada de renovação batismal.

Passar de uma realidade mística oculta à explicitação do viver atual; passar da possibilidade ao ato; passar da consciência adormecida à consciência despertada e cada vez mais madura... É a tarefa histórica do crescimento cristão, submetido cada ano a um novo estímulo da graça de conversão. É sempre um atualizado reviver batismal; é ir à corrente das águas vivas.

"Criai em mim um coração que seja puro", repetimos uma e outra vez em nossa Quaresma, desejosos que o Senhor escreva sua Lei nas regiões de nosso coração ainda impenetráveis à graça, duras como pedras.

"Criai em mim um coração que seja puro", insistimos ao descobrir que, na melhor das hipóteses, somos apenas bons e honestos, mas pobres em amor e de poucas atitudes de amor fraterno. Algumas sem consciência de ser corpo de Cristo, nem participantes comprometidos com a missão da Igreja.

"Criai em mim um coração que seja puro", cada vez mais despojado de toda arrogância, prepotência e vaidade.

"Criai em mim um coração que seja puro", repetimos confiantes que sua presença de amor nos assemelhe à entrega de Cristo, à maneira do grão de trigo que morre para dar vida.

**4. Atitude concreta**

Cooperar generosamente, na medida de cada um, com a coleta da Campanha da Fraternidade.

Procurar participar efetivamente das celebrações da Semana Santa.